

---

## Memória e ficção: a imigração libanesa revisitada

Michele Lima de Oliveira

UNIABEU- FAPERJ

Shirley de Souza Gomes Carreira

UNIABEU

**RESUMO:** Este trabalho visa ao exame da problemática das identidades e alteridades, do local e do global, por meio da articulação entre os estudos literários e os estudos culturais e do exame de obras literárias contemporâneas que abordam a imigração libanesa no Brasil. Com esse propósito buscar-se-á analisar comparativamente os romances *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, e *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, a fim de verificar como se dá o diálogo entre memória e ficção em narrativas que se reportam à imigração libanesa no Brasil, bem como identificar o papel dessas narrativas na configuração e transmissão de uma memória étnica.

**Palavras-chave:** Identidade. Imigração libanesa. Memória étnica.

## Memory and fiction: the Lebanese migration revisited

**ABSTRACT:** This work aims at the analysis of the issues of identity and otherness, of local and global, by means of the articulation between literary and cultural studies and the exam of contemporary literary works which deal with the Lebanese immigration in Brazil. On that purpose, it will compare the novels *Relato de um certo Oriente*, by Milton Hatoum, e *Nur na escuridão*, by Salim Miguel, in order to verify how the dialogue between memory and fiction takes place in narratives that fictionalize the Lebanese immigration, as well as to identify the role of those narratives in the configuration and transmission of an ethnical memory.

**Key words:** Identity. Lebanese immigration. Ethnical memory.

## INTRODUÇÃO

Desde o surgimento dos Estudos Culturais, a questão da identidade tem sido amplamente examinada e, segundo Stuart Hall (1998, 88), a crise das suas antigas fontes de ancoragem foi originada pela ação conjunta de um duplo deslocamento: a

descentralização dos indivíduos tanto do seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos. Nesse panorama, as diásporas passaram a ter especial relevância, na medida em que a diluição de fronteiras permitiu o aparecimento de identidades híbridas, fruto de encontros interculturais.

Ao migrar, segundo Hobsbawm (1984), os indivíduos buscam reinventar em território estranho a idéia de pátria-mãe, pois o sujeito reinventa tradições e comemorações, para reafirmar as identidades.

Na construção de uma identidade étnica, é importante ressaltar que a memória coletiva é um dos principais agentes. A partir das lembranças do seu grupo, o indivíduo cria ou transforma laços de pertencimento ou exclusão.

A literatura tem, indiscutivelmente, um papel de relevo nessa construção, colaborando para a configuração e disseminação da memória étnica.

Ao abordar o processo de aculturação do imigrante, a literatura possibilita a transmissão, transformação e condicionamento dessa memória no meio social, uma vez que a representação social do imigrante, muitas vezes estereotipada, é construída, transmitida e sedimentada pelas mídias.

As relações entre memória e narrativa derivam do fato de que o ato de narrar histórias está na base da experiência humana e é responsável por construções inerentes à sociedade, tais como a imagem de país, de nação, de comunidade, de acordo com a ideologia de quem as produz.

Sobre essa junção entre a experiência e a ficção, Paul Ricoeur afirma, em *Tempo e narrativa* (1994), que esses conceitos são complementares. Ele rompe a separação entre ficção, tempo cósmico, e realidade, tempo vivido, para criar o *temps raconté*. Assim, o indivíduo, ou mesmo uma comunidade, seria constituído dentro de sua identidade ao receber aqueles relatos que comporiam sua história efetiva. Nesse sentido, para o tempo narrado, ou humano, haveria uma troca constante entre ficção e história, onde a refiguração do passado seria feita através do intercâmbio entre a ficcionalização e o verossímil.

Este trabalho visa ao exame da problemática das identidades e alteridades, do local e do global, por meio da articulação entre os estudos literários e os estudos culturais e do exame de obras literárias contemporâneas que abordam a imigração libanesa no Brasil. Com esse propósito buscar-se-á analisar comparativamente os romances *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum, e *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, a fim de verificar como se dá o diálogo entre memória e ficção em narrativas que se reportam à imigração libanesa no Brasil, bem como identificar o papel dessas narrativas na configuração e transmissão de uma memória étnica.

No processo de elaboração de seus romances, Milton Hatoum e Salim Miguel, por serem descendentes de imigrantes, se reportam não apenas à memória individual, mas também aos múltiplos relatos familiares sobre a imigração e àqueles que são fruto da memória coletiva, cuidadosamente urdidos no tecido ficcional. A análise do *corpus literário* será, portanto, desenvolvida a partir de um ponto de vista que aborda as relações entre autobiografia, memória étnica e ficção.

## **1. A IMIGRAÇÃO LIBANESA NO BRASIL E A SUA REPRESENTAÇÃO NA LITERATURA BRASILEIRA**

Na literatura brasileira, a figura do imigrante libanês sempre esteve associada à ideia de comércio, bem como à imagem estereotipada do “turco”, ou seja, do comerciante árabe que, sendo bem sucedido, de certa forma, “atrapalhava” o desempenho dos outros comerciantes locais.

Mais recentemente, tem-se observado uma mudança na representação do imigrante libanês, uma vez que várias obras contemporâneas focalizam o contexto da imigração, bem como o processo de aculturação das comunidades árabes no Brasil.

As obras *Relato de um certo oriente*, de Milton Hatoum, e *Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, que constituem o *corpus literário* deste trabalho, abordam a imigração de forma diferenciada, ora na perspectiva do imigrante de primeira

geração, ora na ótica do descendente. De uma forma ou de outra, elas têm contribuído para a sedimentação da memória étnica.

### **1.1 Um pouco de história...**

Com as portas abertas do Brasil para os imigrantes, a partir de 1880, vieram para o país pessoas de todos os lugares, dentre eles os libaneses. Segundo Oswaldo Truzzi (2005), estes participaram significativamente do desenvolvimento socioeconômico do país. Muitos libaneses passavam por dificuldades em sua terra natal e embarcavam para a Europa em busca de garantir um melhor futuro para seus familiares.

No Brasil os principais focos de imigração eram a Amazônia, São Paulo e o Rio de Janeiro:

“O primeiro e mais importante durante esse período, foi a Amazônia, devido ao surto de prosperidade da borracha, que começou logo depois da chegada dos primeiros libaneses. Com grandes levas de brasileiros e outros grupos, entravam eles no vale do Amazonas.” (KNOWLTON, 1961, p.65)

O interesse dos libaneses não estava apenas na borracha, como os dos outros imigrantes que também se destinaram a esta região, mas também na venda de mercadorias variadas. Desta maneira, surgiram os chamados regatões, homens que subiam e desciam os rios da Amazônia com barcos, à procura de povos para comprar suas mercadorias.

“Morei alguns anos no povoado, conheci os rios mais adustos e logo aprendi que o comércio, além das quatro operações elementares, exige malícia, destemor e o descaso (senão o desrespeito) a certos preceitos do Alcorão.” (HATOUM, 2006, p.85)

Explorando os principais centros, como Manaus, não demorou muito tempo para que o comércio desta região estivesse nas mãos destes imigrantes, pois com a facilidade de vender mercadorias de porta em porta e facilitação de pagamentos, logo os moradores daquela região deixavam de estar nas mãos dos seus fazendeiros e passavam a ter opções de compra.

Através da figura dos mascates, os libaneses iniciaram atividades comerciais, percebendo assim uma forma autônoma e lucrativa de trabalho. Com isso, logo estes mascates conseguiram montar seus negócios formais ajudando outros conterrâneos ou familiares que chegavam, formando assim as colônias de imigrantes.

Contudo, o que deveria ser provisório tornou-se permanente, e ao invés dos imigrantes retornarem à terra natal, eles providenciavam a vinda de suas famílias. Através desta base familiar, progrediram economicamente. O negócio dependia da colaboração de todos e a célula familiar permaneceu como meio de ordenar e compreender a vida. Segundo KATHLAB (1999), apenas três por cento dos que desembarcaram no Brasil retornaram para o Líbano, e os que ficaram procuraram trazer as suas famílias.

Ao acompanhar a história dos imigrantes libaneses, percebe-se que os membros da família estavam engajados no trabalho e o comércio era uma extensão de suas casas, seja com os modelos de casas com as lojas na frente ou sobrados com as lojas embaixo. Viviam dos negócios e para este fim precisavam se integrar com as pessoas, mantendo um contato duradouro. Com isso, acabaram enraizando-se na nova terra.

## **1.2 A representação do imigrante libanês em *Relato de um certo Oriente e Nur na escuridão***

O romance, *Relato de um Certo Oriente*, de Milton Hatoum narra a história de uma mulher que foi adotada, junto com seu irmão mais novo, por uma família libanesa e, depois de um período distante de sua terra natal, retorna a fim de recuperar sua identidade através da memória. Ao chegar à cidade, recebe a notícia de que sua mãe adotiva, Emilie, morrera antes do reencontro. Para comunicar o fato ao irmão, a narradora não nomeada, utiliza o gênero epistolar.

A memória, a identidade e a reconstituição de lembranças são os temas principais deste romance. A narradora principal, e também personagem desta

história, promove a reconstrução do passado por meio das vozes de outros personagens, formando assim uma narrativa de encaixe, em que todos os relatos vão se completando e revelando segredos a cada nova percepção dos fatos narrados.

Esses relatos são feitos através das vozes do filho mais velho de Emilie, Hakim, a quem ela ensina seu idioma e os costumes da terra natal, o fotógrafo alemão Dorner, que é amigo da família e percebe as diferentes maneiras de relacionamento dos seus membros, o marido de Emilie, um velho e silencioso comerciante, que, mesmo depois de morto, tem sua memória recuperada através do fotógrafo, e Hindié Conceição, amiga e confidente sempre presente na casa da família.

A coleta dos relatos dos personagens garante à narradora um papel principal, o de organizadora destes testemunhos, uma vez que as vozes enunciadoras não são marcadas de forma explícita para os leitores, embora possam ser identificadas por meio de dados fornecidos no capítulo anterior.

A essa “multiplicidade de vozes e de consciências independentes” (BAKHTIN, 1981, p.02), Bakhtin denomina polifonia. A polifonia no romance mostra as várias interpretações sobre a cultura do imigrante; marcadas pela oralidade das confidências das personagens, reportando-se à tradição oral dos narradores orientais. A polifonia é percebida no fato de cada voz ter sua independência, embora relacionada às demais através de uma ordem superior, determinada pela narradora principal.

Tantas confidências de várias pessoas em tão poucos dias ressoavam como um coral de vozes dispersas. Restava então recorrer à minha própria voz, que planaria como um pássaro gigantesco e frágil sobre as outras vozes. Assim, os depoimentos gravados, os incidentes, e tudo o que era audível e visível passou a ser nortado por uma única voz, que se debatia entre a hesitação e os murmúros do passado. (HATOUM, 2006, p. 189)

A narrativa se passa na cidade de Manaus, que também é a cidade do autor, em um ambiente familiar, com todos os seus conflitos, diversidade de culturas e convivência com outros indivíduos de nacionalidades distintas.

Sendo descendente de libaneses, Hatoum narra, com propriedade, os acontecimentos que ocorrem na vida de seus personagens. Muito embora o autor tenha afirmado em várias entrevistas que utilizou pessoas e fatos reais na elaboração do romance, isso não quer dizer que a obra se trata de uma autobiografia, mas, sim, que carrega em si traços da experiência do autor.

O romance mostra como se deu o processo de aculturação, ou seja, de integração à nova terra, embora de forma temporalmente distanciada. A aculturação é todo fenômeno de interação social que resulta do contato entre duas culturas. Em um modelo unidirecional, encontram-se indivíduos que abrem mão da própria cultura e adotam a cultura da sociedade dominante, ou seja, passam pela assimilação total. No modelo bidirecional há níveis diversos de interação do indivíduo com o novo grupo, que variam das trocas culturais à marginalização e podem ser percebidos nos personagens: Emilie, seu marido não nomeado e seu filho Hakim.

Emilie é a matriarca da família árabe, que, “embora socialmente integrada, revela atitudes que demonstram a nostalgia de quem vive longe de sua terra e costumes, inventando a cada dia um idioma híbrido ou uma melodia perdida que lhe vem à memória para evocar o Líbano” (CARREIRA, 2009, p.180). Assim, permite-se guardar objetos de um passado que não volta mais, em um baú escondido, de um quarto fechado, onde nem mesmo o seu marido tem acesso.

Sem deixar vestígios, ela desaparecia naquele aposento que sempre me interessou pelo simples fato de ter sido um espaço inviolável, inacessível até mesmo ao meu pai, que fazia vista grossa sempre que Emilie entrava e saía do esconderijo carregada de badulaques [...] (HATOUM, 2006, p.58).

A personagem adapta-se em parte aos costumes da nova terra, mas faz questão de manter vivos dentro de si seus hábitos, tentando também perpetuar o idioma através do filho mais velho, ensinando-lhe o árabe.

O marido de Emílie é uma demonstração do modelo bidirecional de separação, pois não aceita os costumes vistos na nova terra, criticando, muitas vezes, a cultura dos nativos. Permanecendo assim, muito tempo calado, sempre lendo o livro do Profeta, o Alcorão. O artigo *Memória, Esquecimento e Silêncio*, de Michal Pollak, serve de base para a compreensão dessa atitude do personagem:

Na ausência de toda a possibilidade de se fazer compreender, o silêncio sobre si próprio – diferente do esquecimento – pode mesmo ser uma condição necessária para a manutenção da comunicação do meio ambiente [...] (POLLAK, 1989, p.13)

Pela prática religiosa de Emilie ser a mesma do país de destino, a integração cultural foi mais fácil para ela, diferentemente do seu marido, que era mulçumano: “Anfitrião mudo, asceta mesmo cercado por pessoas, ele teria preferido se evadir no quarto, compactuar com o silêncio das paredes brancas, e, com o livro em punho (...)”.(HATOUM, 2006, p.78).

Emilie e seu marido tinham por hábito promover reuniões entre amigos e parentes da mesma colônia às sextas-feiras, para partilharem juntos de um ato milenar da sua cultura original e, desses eventos, os filhos do casal eram proibidos de participar.

No centro de um pátio iluminado pelo sol equatorial, homens e mulheres repetiam o hábito milenar de comer com as mãos fígado cru de carneiro. (...) Havia extravagância e prazer nos gestos para saciar a bulimia. Na entrega deliberada às carnes do animal, contrariando a assepsia do dia-a-dia, as mãos levavam à boca um pedaço de fígado fresco, e o pão circulava de mão em mão, despedaçado por dedos lambuzados de azeite e zatar. HATOUM, 2006, p.64-65)

Mas ao acompanhar a festa, observando escondido no quarto dos pais, o filho mais velho, Hakim, entende as celebrações como “exóticas”, diferentes daquelas do meio social a que tem acesso em seu cotidiano.



Segundo Carreira (2009, p.182), Hakim exhibe as características da transculturação, pois mesmo vivendo em um meio de culturas distintas, ele experimenta uma identidade em mutação, que não se baseia em nenhuma das originárias. A identidade transcultural é uma identidade formada a partir de duas outras que são parcialmente preservadas e misturadas, como “as águas de dois rios tempestuosos que se misturam para gerar um terceiro.” (HATOUM, 2006, p.55)

Na infância, Hakim percebe a diferença na língua usada dentro da Parisiense e fora dela, no seu meio social:

Desde pequeno convivi com um idioma na escola e nas ruas da cidade, e com outro na Parisiense, e às vezes tinha a impressão de viver vidas distintas. Sabia que tinha sido eleito o interlocutor número um entre os filhos de Emilie; por ter vindo ao mundo antes que os outros? Por encontrar-me ainda muito próximo às suas lembranças, ao seu mundo ancestral onde tudo ou quase tudo girava ao redor de Trípoli, das montanhas, dos cedros, das figueiras e parreiras, dos carneiros, Junieh e Ebrin. (HATOUM, 2006, p.57).

Apesar disso, ele tratava esta diferença com naturalidade, pensando que seria um modo de falar próprio dos adultos.

Na fase adulta, a diferença no tratamento com o Outro foi um aspecto importante que levou Hakim a sair de casa e ficar longe das humilhações praticadas pelos seus pais com os serviçais da Parisiense. Anastácia é a lavadeira da casa e a empregada de confiança de Emilie, a quem a matriarca revela seus segredos e considera cúmplice de seus atos. As duas estão sempre juntas, compartilhando os afazeres domésticos e as canções. No entanto, a despeito dessa cumplicidade, Anastácia é proibida de comer as frutas ou guloseimas da casa.

As frutas e guloseimas eram proibidas às empregadas, e, cada vez que na minha presença Emilie flagrava Anastácia engolindo às pressas uma tâmara com caroço, ou mastigando um bombom de goma, eu me interpunha entre ambas e mentia à minha mãe, dizendo-lhe: fui eu que lhe ofereci o que sobrou da caixa de tâmara que comi; assim, evitava um escândalo, uma punição ou uma advertência, além de deixar Emilie reconfortada, radiante de

alegria, pois para fazê-la feliz bastava que um filho devorasse quantidades imensas de alimentos, como se o conceito de felicidade estivesse muito próximo ao ato de mastigar e ingerir sem fim. (HATOUM, 2006, p.100)

Nesta cena, Hatoum aborda em sua obra as diferenças de identidades e de comportamentos experimentadas pelas personagens. O “Outro”, o que sofre preconceito, não é o imigrante, mas sim a empregada manauara que é a intrusa nesta casa. O comportamento de Hakim demonstra que ele não compartilha a mesma visão de seus pais. O fato de conviver com duas culturas diferentes faz com que ele manifeste uma identidade híbrida, que conjuga valores de ambas as culturas, e, diante da mistura de etnias que presencia em Manaus, ele não concebe como imigrantes, que são uma minoria, podem tratar outras minorias de forma preconceituosa. Conforme Carreira (2009, p.182) afirma, “Hatoum cria personagens que revelam a contradição entre o hibridismo cultural e a intolerância nas práticas sociais”.

Milton Hatoum demonstra em suas entrevistas que não há literatura sem memória, este é o outro nome da imaginação. Revela, ainda, que em *Relato de um certo Oriente* há um tom confessional, que faz dele um texto de memória sem ser memorialístico, sem ser autobiográfico.

Como aponta Philippe Lejeune (1975), a autobiografia se define pela existência de um pacto autobiográfico, ou seja, quando há uma identificação entre o nome do autor tanto na capa/página de rosto quanto no interior do livro, ou seja, autor, narrador e personagem seriam um só, a pessoa que narra é ao mesmo tempo o autobiógrafo e o autobiografado. Ao ler *Relato de um certo Oriente*, percebe-se que é um produto absolutamente ficcional, ainda que inspirado por pessoas e fatos reais.

Outra característica marcante neste livro de Hatoum é a falta de fechamento entre os capítulos, pois o capítulo anterior está sempre dialogando com o próximo, sem dar pistas claras de qual será a próxima voz narrativa, permitindo ao leitor uma produção maior de sentidos, através de enigmas lançados e não desvendados na história.

A narrativa de Hatoum segue os compassos da memória, pois não discorre em um tempo cronológico, mas sim fragmentário, em uma espécie de vai e vem vertiginoso no tempo e no espaço. Ao mesmo tempo em que a narradora volta à cidade natal para resgatar lembranças e reafirmar a própria identidade, ela faz esse retorno para registrar acontecimentos que o irmão, na época, ainda muito pequeno, não recordava. Como se pode observar no parágrafo a seguir:

Tu ainda engatinhavas naquele natal de 54 e Soraya Angela era a minha companheira. Quase sempre choramingavas quando ela aparecia, querendo brincar contigo e te acariciar; é verdade que o olhar dela, de espanto, e os gestos bruscos eram de meter medo a qualquer um. Lembro que era rejeitada pelas crianças da vizinhança e ela mesma percebia isso porque resignava-se a brincar com os bichos e fazia diabruras com eles, (...). (HATOUM, 2006, p. 12)

O título do romance foi escolhido, segundo o autor, por se tratar de uma imagem do Oriente comum àquela colônia de imigrantes; imagem que não corresponde ao Oriente verdadeiro, mas à construção que aqueles que estão ausentes fazem dele.

Ainda quanto aos aspectos estruturais, o autor revela que se inspirou na estrutura das *Mil e Uma Noites*, em que há uma personagem feminina narradora, Sherazade, que deixa as histórias que conta propositalmente inacabadas de modo que tenham continuidade na narrativa seguinte.

Ao contrário do romance de Hatoum, *Nur na escuridão*, de Salim Miguel, aborda a imigração de modo mais objetivo; ela é a matéria do romance.

A obra apresenta a saga de uma família libanesa que, para fugir dos problemas sócio-econômicos de sua terra natal, viaja em busca de uma melhor qualidade de vida para seus filhos. Seu primeiro intuito era dirigir-se aos Estados Unidos, porém a infecção ocular em um dos membros da família faz com que fiquem em Marselha por um período e depois, sem dinheiro e sem condições de retorno ao Líbano, acabem por vir para o Brasil, onde o chefe da família tinha uma irmã. O enredo gira em torno do processo de integração da família à nova terra.

Em *Nur na Escuridão* o caráter autobiográfico é mais evidente, uma vez que o autor baseia-se nos fatos ocorridos com sua própria família na chegada ao Brasil e nos trechos da autobiografia, *Minha Vida*, escrita por seu pai, Yussef. Embora Salim Miguel afirme que há muito mais ficção do que biografia, as evidências dos traços biográficos são marcantes.

No romance de Hatoum, a ação gira em torno da morte da matriarca, que é o elemento principal da família e em torno de quem gira a própria narrativa. Em *Nur na escuridão*, é ao patriarca que cabe esse papel. Tamina, mãe de Salim e esposa de Yussef, detém, no entanto, um papel importante, pois, a exemplo de outras personagens femininas de romances que se reportam à imigração, mostra que a mulher, apesar de submissa ao marido, é fonte de equilíbrio e coesão. É dela a sugestão de deixar o Líbano em busca de uma vida melhor. Ao partir do Líbano, a família é composta por Yussef, Tamina, três filhos e Hanna, irmão de Tamina. No Brasil, nascem outros filhos e as dificuldades se multiplicam.

Ao chegar ao Brasil, são muitos os obstáculos a serem vencidos: o idioma, o choque entre culturas, a luta pela sobrevivência. Yussef, a exemplo de outros imigrantes libaneses, começa a ganhar a vida como mascate.

A palavra mascate, por exemplo, tem um poder mágico, faz com que recue até a chegada a Magé. Esclarece antes: não importa o que a pessoa tenha sido ou queira ser, pouco importam sonhos, desejos, aspirações, fantasias. Ao chegar ao Brasil, libaneses e sírios, árabes em geral, começam mascateando, trouxas ao ombro, sorri e acrescenta, só bem mais tarde irão tomar conhecimento do outro significado da palavra trouxa. Se estão se dando bem e o mascatear dá certo, vão deixar de ser trouxas, não demora adquirem um cavalo, uma carrocinha, depois podem ter uma vendola, um armazém, loja de tecidos, quem sabe uma fabriqueta; bem poucos enriquecem, mas as novas gerações acabam por esquecer os sacrifícios dos pais, dos que não tiveram *nasib*, some a voz dos perdedores, dos *tarragada* que não deram certo, dos *fakir*, os pobres. (MIGUEL, 2008, p.96)

O romance descreve a mascateação sendo a única oportunidade de inserção do libanês no mercado de trabalho e não somente uma opção de vida. Este fato deixa Yussef desanimado, pois, além de não ter inclinação para o comércio, ele não fala português.

A questão da dificuldade e do estranhamento com o idioma é apresentada já na chegada dos imigrantes ao porto da Praça Mauá, local em que a família reconhece a utilização de diversas línguas, dentre elas o francês e o inglês, mas nenhuma palavra em árabe. Com isso, os recém-chegados têm uma sensação de desamparo, uma vez que, na ausência de um intérprete, se vêem perdidos em um país desconhecido.

Tinham acabado de desembarcar. Sentem-se tolhidos, perdidos, acuados em meio à estridência de sons, onde se confundem vozes, risos, gargalhadas, gritos, chamamentos, xingações, choros de alegria, murmúrios de decepção, perguntas em espanhol, em italiano, em alemão, em francês, em inglês. Se questionam, e em árabe, não haverá? (MIGUEL, 2008, p.15)

Durante algum tempo, Yussef tem algumas dificuldades com o novo idioma, e começa a trabalhar como mascate antes mesmo de dominar o português. O personagem aprende as palavras básicas e algumas informações culturais do Brasil com patrícios dispostos a ajudar. Em algumas ocasiões, utiliza um idioma híbrido, misturando o árabe e o português, quando não lembra a pronúncia ou mesmo a palavra da língua corrente. Da mesma forma que em *Relato de um certo Oriente*, a família tem papel importante na obra de Salim. Ao chegar no Brasil, Yussef é levado para uma pousada de imigrantes libaneses, estes o recebem muito bem, pois como afirma Sayad, em *Orientalismo*, a orfandade da terra natal faz com que estes imigrantes tratem uns aos outros como irmãos, apenas em saber que eles pertencem a cidade e tem os mesmos costumes. Desta forma, a paciência e a atenção são utilizadas ao máximo para o ensinamento dos hábitos e das particularidades da nova terra.

“Por exemplo, *não* podia dizer *sim*, você não gosta disso, e a resposta *sim* era que não gostava, enquanto *pois não* podia significar

*sim*. Exemplos se multiplicavam – o que, em lugar de ajudar, por enquanto atrapalhava.” (MIGUEL, 2008, p.40)

Na obra de Hatoum, esta dificuldade com o idioma também é abordada, mas por ângulo diferente. Os conflitos da língua vivenciados pela família de Salim e a sociedade que os cercam, em *Relato de um certo Oriente*, ocorre no âmbito da própria casa, pois, nesta obra, a família vive duas gerações com culturas distintas. Hakim percebe a diferença na comunicação entre ele e seus pais desde criança; em alguns trechos da narrativa ele mostra a ausência de entendimento dos diálogos dos pais, afirmando que em alguns assuntos utiliza a intuição para constituir ideias através dos gestos. Pensava, em sua inocência, que aquele idioma falado pelos pais era vedado às crianças, sendo adquirido na fase adulta.

... Já estava me habituando àquela fala estranha, mas por algum tempo pensei tratar-se de uma linguagem só falada pelos mais idosos; ou seja, pensava que os adultos não falavam como as crianças.(HATOUM, 2006, p.54)

Hakim começa a se interessar pelo outro idioma e a imitar seu pai na mesa de jantar, na tentativa de chamar sua atenção e sentir-se incluído naquele universo diferenciado: “... tentei imitar assim que aprendi o alfabeto e antes mesmo de pronunciar uma única palavra na língua que, embora familiar, soava como a mais estrangeira das línguas estrangeiras.” (HATOUM, 2006, p.55)

Enquanto Hatoum relata as dificuldades com o idioma e a cultura de forma distanciada, Salim demonstra em seu romance os reais sacrifícios encontrados pelo imigrante e esquecidos pelas gerações descendentes:

Aos filhos pouco interessa essa filosofia, essa súpula da imigração, esse bosquejo que pode englobar uma história da grande maioria; porfiavam em perguntar mais da vida do pai, da mãe, dos problemas de adaptação à nova terra, da tarefa da mãe na retaguarda, queriam que o pai contasse a saga pessoal, como foram os primeiros dias em Magé, se custara a aprender os rudimentos do português para se fazer entendido nas saídas para o trabalho, quanto tempo levava até a primeira sortida mascateando, o porquê da brusca interrupção e mudança para Santa Catarina. (MIGUEL, 2008, p. 98)

Um traço comum aos dois romances diz respeito à representação da mulher libanesa, que apresenta características singulares relativas à sua cultura. Nos romances é possível identificar atitudes similares por parte das matriarcas Emilie e Tamina.

As personagens demonstram submissão e respeito aos seus respectivos maridos, porém são responsáveis pelas decisões mais importantes no que diz respeito à família. São como um elo, tendo a função de manter a união familiar prevalecer em todas as situações.

Forte e decidida, é Tamina, personagem do romance de Salim, quem tem a ideia de embarcar para outro país para procurar uma melhor condição de vida, mesmo enfrentando a teimosia típica do homem libanês, a personagem o convence.

“Tamina com seus grandes olhos sonhadores, sua sensibilidade, a voz macia e doce, porém firme nas decisões, é quem melhor sabe administrar a família, (...). Consulta o marido: Habbib, Yussef e se a gente... o marido não se mostra entusiasmado, recusa, depois reluta, ter que começar, como tantos em outro mundo do qual nada sabe (...). Tamina insiste, fala das possibilidades, os irmãos poderão encaminhá-los, ela já se adiantou, fez consultas, (...)” (MIGUEL, 2008, p.62)

Muitas vezes, Tamina exerce a função de chefe da família, devido às inúmeras viagens do marido, que duravam dias, tornando-se a principal responsável pela educação dos filhos e de manter a união da família. Ainda enfrenta a sina de sempre estar grávida nas mudanças que eram necessárias para outras cidades, devido aos problemas de adaptação com os habitantes das cidades ou o “pouco sucesso” com a mascateação.

Sina da mãe: mudar sempre com filho pequeno. Batalhadora, animosa, decidida. Tamina não deixa de ter uma palavra de estímulo diante das dificuldades (se bem que, quando só possa fraquejar). Animava-se ao contar histórias naquela sua maneira peculiar ou repeti-las. (MIGUEL, 2008, p. 138)

Ao chegarem a São Pedro de Alcântara, Yussef e sua família sofrem preconceitos de imigrantes alemães, que ao perceberem a prosperidade de Yussef

se unem e passam a boicotar a loja do libanês, chamando-o de gringo, esquecendo-se que também são imigrantes ou descendentes de imigrantes. Este fato deixa o patriarca da família muito indignado e toma a decisão de mudar-se para Biguaçu.

Logo os fregueses sumiam intimidados, o padre recriminava-os, por que, em lugar de procurarem as casas de comércio dos conterrâneos, procuravam a do gringo? Pela primeira vez, sim, o pai tomava conhecimento desse termo, era assim tratado. Não “turco” – que já o deixava indignado, embora houvesse uma explicação (...) havia uma certa lógica no “turco”, a Turquia dominara seu país durante séculos. Agora, por que o gringo, para o qual não encontrava qualquer explicação? (MIGUEL, 2008, p. 118)

Mesmo próxima da morte, após uma depressão pela perda do filho mais novo que teve complicações com a anestesia em uma cirurgia, Tamina pensa no bem estar da família ao se preocupar em adquirir uma casa própria, que mesmo depois de anos de trabalho ainda não haviam conquistado; este o último pedido feito a Yussef, como relata a autobiografia do pai:

Um dia, estávamos deitados quando ela me disse:  
- Nunca moramos em uma casa que fosse nossa. Todos esses anos pagamos aluguel. Com isso, já ultrapassamos o valor de duas ou três casas. Temos que conseguir um terreno e construir. Não achas que seria melhor para nós? (...) O pensamento, contudo, cresceu em sua mente e ela não esquecia o assunto, dizendo sempre: - Devemos construir uma casa para nós. (MIGUEL, 2006, p. 304)

Por sua vez, em *Relato de um certo Oriente*, Emile também é decisiva nos assuntos familiares e sabe impor suas vontades diante do marido. No romance, a personagem revela seu segredo quando diz à sua serviçal de confiança que “o rancor de um homem apaixonado se amaina com carinhos e quitutes. – São duas armas poderosas para acalmar o gênio de cão do meu marido...” (HATOUM, 2006, p. 50)

Adorada pelos filhos, torna-se responsável pela perpetuação da cultura libanesa para seus descendentes, ensinando o “alifabata” para o seu primogênito, repetindo a tradição cultural, pois havia sido alfabetizada pela avó, antes mesmo de frequentar a escola. Aproveitava para confidenciar suas vivências e as histórias de



seus antepassados, o que, muitas vezes, era feito através do idioma natal e de canções híbridas que se reportavam ao Líbano.

Embora mostrem este lado forte e doce aos seus familiares, quando sozinhas, essas mulheres revelam um estado de nostalgia e saudade da terra natal, fatos observáveis nas leituras das cartas recebidas de parentes que ficaram no Líbano. E quando contam as inúmeras histórias sobre o passado, demarcando a cultura das narrativas orais típicas dos povos orientais.

Um outro aspecto relevante e inerente ao contexto da imigração é o fato de que a falta de contato com familiares fragiliza a configuração de identidades, causando sofrimento na medida em que os seus descendentes acabam por perceber que não têm a mesma ancoragem identitária de seus pais. Por exemplo, em *Nur na escuridão*, os filhos do casal árabe sofrem pressão dos colegas na escola por serem os únicos que não tem um avô. Na realidade, ele não tem a percepção de que o avô existe, mas está distante. Como exemplo, temos o trecho:

As crianças do seu Zé Turco, (...) sentiam-se diminuídas e desamparadas com a ausência de avós, inexplicável falta. Iam aos poucos inventando avós, dando-lhes personalidade, uma fisionomia própria, só que, por vezes, mutável, adaptada às circunstâncias, recriando-a à medida que cresciam. (MIGUEL, 2006, p.145)

Em *Relato de um certo Oriente*, a falta de ancoragem identitária traz graves consequências para Emir, irmão de Emilie, que chega ao suicídio. Emir revela-se na narrativa uma pessoa com atitudes impulsivas, pois já havia tentado tal ato ao saber que a irmã teria escolhido a vida de reclusão no convento. Após a fuga dos pais para o Brasil, em busca de uma nova vida, os irmãos Emin, Emilie e Emir são deixados com parentes, e Emilie não se conforma com a situação, preferindo, então, viver no convento, local em que descobre sua vocação religiosa. Passados diversos dias do sumiço da irmã, Emir descobre, enfim, que ela estava no convento e, ao vê-la vestida com o hábito, se desespera e a chantageia dizendo que se não for embora com ele, se matará. Emilie decide, com isso, abandonar o hábito para poupar a vida do irmão, o que não seria possível, tempos depois.

[...] viu a irmã entrar no recinto, toda vestida de branco e o rosto delimitado por um plissado de organdi; essa visão, mais que a fuga, talvez o tenha levado a tomar a atitude que tomou: sacou do bolso um revólver e encostou o cano nas têmporas ameaçando suicidar-se caso ela não abandonasse o convento. (HATOUM, 2006, p.36)

Emir não se adapta aos novos ambientes e pessoas, faz uso apenas da língua materna, demonstrando, assim, dificuldade de integração com a nova terra. O personagem não se interessa pelo comércio ou por qualquer enraizamento possível. O laço de amizade que estabelece com Dorner, o fotógrafo, mostra um diálogo muitas vezes fragmentado e desconexo, em que cada um se comunica no seu próprio idioma e muitas palavras ficam soltas dificultando o entendimento. Dorner encontra-se com Emir momentos antes de sua morte e vê o amigo com uma orquídea raríssima na mão e com o olhar distante em direção ao porto, onde ele acompanha o vai e vem de pessoas. A conversa rápida e a atenção excessiva na flor exótica não permitem que Dorner perceba o momento depressivo experimentado por Emir: “Me impressionou a cor da orquídea, de um vermelho excessivo, roxeado, quase violáceo. Observava a flor entre os dedos de Emir, e talvez por isso tenha me escapado sua expressão estranha, o olhar de quem não reconhece mais ninguém.” (HATOUM, 2006, p.69)

Segundo Said (2003, p.46), o exílio experimentado por Emir é uma: “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada.” As atitudes diferenciadas de Emir, como, por exemplo, o pouco, ou mesmo nenhum, esforço para se fazer entender e os passeios matinais solitários para atravessar o igarapé revelam a nostalgia explícita vivenciada por este estrangeiro.

Emir se esquivava de tudo, ele tinha um olhar meio perdido, de alguém que conversa contigo, te olha no rosto, mas é o olhar de uma pessoa ausente. Além disso, aqueles passeios me intrigavam, caminhar pelas ruas das pensões baratas, do hotel dos Viajantes, caminhar sem parar, sem ver ninguém. (HATOUM, 2006, p.69)

As obras de Salim e Hatoum trazem uma particularidade: assim como a memória, que é acronológica e flutuante, as obras não trazem um tempo definido cronologicamente. Enquanto os capítulos do *Relato de um certo Oriente* podem ser lidos em qualquer ordem sem interferir no enredo, Salim separa o capítulo 27, denominados “Fios” para representar a memória de forma concreta. O autor de Biguaçu organiza suas lembranças sem a ordem do tempo e as descreve conforme vão surgindo à memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exame das obras *Relato de um certo Oriente*, de Milton Hatoum e *Nur na Escuridão*, de Salim Miguel, demonstramos que, por meio da literatura, o público leitor tem acesso não apenas às práticas culturais dos libaneses, como também ao processo de aculturação desses imigrantes em solo brasileiro.

Salim Miguel é libanês e, na vinda de sua família para o Brasil, experimentou as dificuldades inerentes ao processo de aculturação, que retrata em detalhes em seu romance. Milton Hatoum é descendente de libaneses e busca, através das memórias de parentes e de pessoas próximas de sua família, ficcionalizar relatos de experiências adquiridas pelo estrangeiro na nova terra. Ambos os autores constroem a ficção pela via da memória; memória esta que resulta de experiências individuais e coletivas.

É perceptível nos dois romances a presença vivida das narrativas orais típicas dos povos orientais, bem como a referência a um modo específico de narrar, verificável em *As mil e uma noites*, em que as histórias se entrelaçam em uma cadeia, nem sempre ordenada, de narrativas.

Os dois romances examinados resultam, portanto, da confluência da experiência pessoal e de uma herança cultural transmitida de geração a geração. Segundo Halbwachs, em sua análise de memória coletiva, é neste ponto em que se percebe “a negociação das memórias”: onde a memória individual entra em

concordância com a memória coletiva para se reforçar, criando, desta forma, uma ideia de cultura ou enraizamento, partindo de uma base comum.

O tema da imigração libanesa é abordado nas duas obras de forma distinta, pois enquanto Milton Hatoum mostra a imigração como pano de fundo e problematiza a questão da identidade da narradora de seu livro, Salim Miguel narra em seu romance uma riqueza de acontecimentos, típica de quem presenciou as dificuldades encontradas pela família. As narrativas apresentam as identidades culturais desse povo e o olhar estereotipado que o Ocidente constrói em relação ao Oriente, como afirma Said em *Orientalismo* (2003).

A construção da identidade, ou seja, a interação do indivíduo com a “nova cultura” é abordada pelas obras de maneira ampla, em que podemos encontrar diversos exemplos dos processos de aculturação, tomando como bases os personagens das narrativas.

O artigo explorou alguns personagens principais para destacar as diferenças nestes processos, explicando as características específicas desenvolvidas por cada indivíduo que tem um modo particular para a formação desse enraizamento e, como base teórica, foi utilizado o artigo de Michael Pollak, *Memória, Esquecimento e Silêncio*. Sendo assim, foi possível demonstrar através dos comportamentos das personagens as especificidades de cada indivíduo.

O papel da família é de extrema importância no contexto da imigração libanesa, pois confere ao imigrante uma ancoragem que lhe permite suportar a distância da terra natal. É, também, incontestável o fato de que a mulher libanesa, em particular, é um elemento agregador, além de tomar para a si a tarefa de transmitir aos descendentes dados essenciais da cultura, da tradição de seu povo. A par de sua submissão, típica das culturas orientais, consegue exercer autoridade no âmbito familiar e influenciar o esposo e os filhos.

Neste trabalho, buscou-se traçar um panorama da imigração libanesa na literatura brasileira contemporânea, demonstrando que a literatura também se institui como um dispositivo de memória que não apenas “transporta” a memória étnica, mas a configura, à medida que confere aos marcos sociais da memória as visões

particulares advindas das experiências pessoais dos indivíduos no contexto da imigração.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Ed. Florense-Universitária, 1981.

BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Tradução Eliana L.L. Reis, Gláucia R. Gonçalves e Myriam Ávila. Belo Horizonte; Editora da UFMG, 2003.

BROOKSHAW, David. *Raça & Cor na Literatura Brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BURKE, Peter. *A escrita da história*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006.

CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.  
\_\_\_\_\_. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Quieroz Editor, 2000.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. Imigrantes: a representação da identidade cultural em *Relato de um certo Oriente e Amrik*. In: MIRANDA, Adelaide et al. *Protocolos críticos*. Iluminuras, 2009.

\_\_\_\_\_. A representação da família de imigrantes libaneses em *Dois irmãos e Nur na escuridão*. Palestra apresentada no *I Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la Integración en el Conosur*, em 9 de maio de 2011.

\_\_\_\_\_. Literatura, identidade e memória: uma leitura de *Relato de um certo Oriente*. Revista UNIABEU v.2, n.4, 2009, pp. 9-21.

CHIARELLI, Stefania. *Vidas em trânsito*. As ficções de Samuel Rawet e Milton Hatoum. SP: Annablume, 2007.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*; tradução Waltensir Dutra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- FREITAS, Sonia Maria. *História Oral*. SP: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- GIRON, Loraine S. & RADÜNZ, Roberto. *Imigração e Cultura*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2007.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- HASENBALG, Carlos Alfredo. *Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HATOUM, Milton. *Relato de um certo oriente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HOBSBAWM, Eric, (1984). *Introdução à invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- KATHLAB, Roberto. *Brasil-Líbano: amizade que desafia a distância*. São Paulo, EDUSC, 1999.
- KNOWLTON, Clark. *Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial*. São Paulo Anhembi, 1961.
- LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.
- MIGUEL, Salim. *Nur na escuridão*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. SP: Brasiliense, 2006.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.
- REIS, Carlos. LOPES, Ana. Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa* (tomo I). Campinas: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa* (tomo II). São Paulo: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papirus, 1995.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Tradução de: Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. SP: EDUSP, 1998.

TEDESCO, João Carlos. *Imigração e integração cultural: interfaces*. Santa Cruz do Sul: UPF, 2006.

TOLEDO, Marleine Paula Marcondes e Ferreira de. *Milton Hatoum: itinerário para um certo relato*. SP: Ateliê Editorial, 2006.

TRUZZI, Oswaldo. *Imigrantes no Brasil. Sírios e libaneses*. SP: CEN, 2005.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso; ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 2001.